

LEVANTE

TUDO QUE VOCÊ PRECISA SABER
PARA INVESTIR EM AÇÕES



Índice

Introdução	3
Como funciona a Bolsa de Valores e por que ela existe?	4
O que são ações?	7
Tipos de ações.....	9
Tipos de empresas	12
Filosofias de investimentos	16
Modalidades de negociações na Bolsa.....	19
O que levar em conta ao escolher ações?	24
Riscos dos investimentos em ações e como minimizá-los.....	29
Perfil de investidor	33
Como investir em ações.....	36
Não cometa esses erros	41
Considerações finais.....	43

Introdução

Você já se imaginou investindo na Bolsa de Valores? Temos certeza de que a resposta para esta pergunta é sim, mas sabemos que algo te trava. Assim, a vontade acaba não se transformando em realidade: o seu medo de perder e arriscar é maior do que a vontade de ganhar. Mas fique tranquilo, pois você não está sozinho nessa. Milhões de brasileiros também estão no mesmo barco.

Criamos este e-book por este motivo: para provar que investir na Bolsa pode, sim, ser algo para quem está começando e ainda não tem grandes quantias de dinheiro. Basta entender como ela funciona e ter em mente qual é o seu perfil de investidor e quais são seus objetivos.

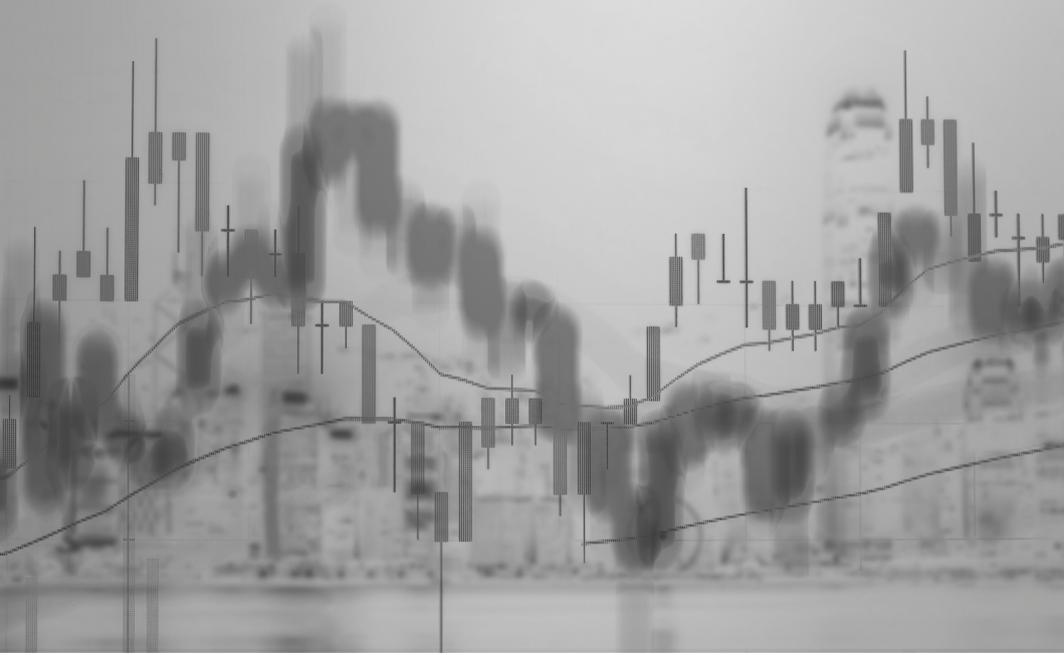
Neste momento, você deve estar se perguntando: “Ok, eu quero investir, mas por onde começar se tenho uma quantia modesta de dinheiro?” Para ajudá-lo a trilhar o melhor caminho, vamos ser diretos com você e dizer que não há um valor mínimo para começar a investir em ações. No entanto, você somente atingirá bons resultados se conhecer o mercado e encontrar as melhores oportunidades disponíveis em renda variável.

Antes de seguir adiante com o nosso manual, precisamos deixar claro que nós, da Levante, oferecemos ideias de investimento. Ou seja, não somos uma corretora nem um banco de investimento. Não vai ser aqui, na Levante, que você de fato vai aplicar seu dinheiro, mas vai ser aqui que você aprenderá a como investir e aumentar seu patrimônio. Em alguns instantes, você vai saber mais o que são ações, como funciona a Bolsa de Valores e aprenderá de fato a operar neste mercado tão fascinante. Queremos que você dê adeus aos vilões que acabam com o seu patrimônio, como as altas taxas cobradas em Fundos e os produtos de investimento com baixa rentabilidade. Mais do que isso: queremos que você aproveite a onda de crescimento da Bolsa, a qual já vem rendendo mais do que as outras aplicações desde 2017.

Se você quer aproveitar a boa fase da Bolsa e ganhar dinheiro de verdade, vamos te ajudar nessa jornada. Aproveite as próximas páginas para aprender a investir em renda variável e diversificar seus investimentos. Vamos nessa?

Boa leitura!

COMO FUNCIONA A
BOLSA DE VALORES E
POR QUE ELA EXISTE?



Talvez você nem saiba, mas a primeira Bolsa de Valores do Brasil foi criada em 1845 no Rio de Janeiro, e não em São Paulo. Mas foi o mercado paulista que acabou incorporando essa e outras Bolsas criadas ao longo dos anos no País.

A história da Bovespa começou em 1890, quando foi inaugurada a Bolsa Livre, que acabou fechando um ano depois. Ela reabriu, porém, quatro anos depois, com o nome de Bolsa de Fundos Públicos de São Paulo. Após isso, diversas Bolsas foram criadas e diversas fusões foram realizadas até chegarmos na BM&F Bovespa, que existe até hoje.

A Bolsa de Valores consiste em um mercado onde empresas e pessoas se relacionam por meio da compra e venda de títulos e ações. Se você deseja vender uma ação e outro investidor quiser comprá-la, a Bolsa é o ponto de encontro de ambos.

Atualmente, no Brasil, este ambiente de negociação é conhecido como B3, resultado da fusão entre a BM&FBovespa e a Cetip. Seu principal objetivo é organizar as negociações em um ambiente seguro, garantindo que você irá receber o dinheiro pelas suas ações de forma eficiente, segura e justa.

Ainda não ficou claro o processo de compra e venda de ações? Vamos detalhá-lo para que você possa entender todo o processo:

A empresa X resolve disponibilizar ações em troca de dinheiro para conseguir capital para investimentos e projetos. Para isso, ela “abre capital”, ou seja, deixa de ser uma companhia limitada e passa a se tornar uma S.A. (Sociedade Anônima), fazendo um registro na Bolsa com uma lista de ações e oferecendo pequenas partes da empresa para os seus novos sócios. A partir de então, ela fica disponível no mercado de ações. Ao fazer uma oferta pública primária, suas ações tornam-se disponíveis para reserva e, depois, para negociação pela primeira vez.



Neste primeiro momento, conhecido como mercado primário, as corretoras oferecem essas ações aos primeiros investidores. É o que se chama de IPO (*Initial Public Offering*).

A partir daí, começa a surgir uma relação de oferta e procura por essas ações. Neste cenário, o investidor primário pode vender suas ações por acreditar que a empresa não está em um bom momento ou está sem perspectivas de crescimento, prevendo, então, que seu preço irá cair (ou por, como ocorre às vezes, simplesmente precisar do dinheiro). Outro investidor, por sua vez, pode querer comprá-las, acreditando que o preço das ações irá subir.

O investidor primário então lança uma ordem de venda de suas ações em sua corretora pelo valor pretendido. Automaticamente, o sistema da corretora a envia para a Bolsa.

O segundo investidor envia uma ordem de compra em sua corretora – com o preço que considera interessante.

Quando a ordem de compra e a ordem de venda têm o mesmo valor, o negócio é fechado. Esta dinâmica caracteriza o que chamamos de mercado secundário.



O QUE SÃO AÇÕES?



Talvez até este momento não tenha ficado muito claro o que de fato são as ações. Por isto, separamos uma seção só para tirar suas dúvidas.

Basicamente, as ações são papéis que representam pequenos pedaços de uma empresa. Ao comprar uma ação, você está adquirindo uma parte do capital social de uma companhia que foi aberta a outras pessoas. De uma forma simples, é como se você se tornasse sócio dela. Ou seja: quanto mais a empresa se valorizar, mais você irá lucrar.

Ao fazer um investimento desse tipo, o investidor passa também a correr os riscos atrelados ao negócio. Nesse caso, você não atua como um empregado, ganhando um salário e podendo ser demitido, mas pode experimentar as oscilações de valor que a empresa apresentar.

Algumas das empresas que têm capital aberta na Bolsa optam por pagar dividendos periodicamente. Ou seja, uma parte dos lucros é distribuída entre os acionistas, até mesmo para aqueles que possuem uma pequena quantidade de ações. Essa é uma opção muito interessante para a montagem da sua carteira de investimentos. Temos mais materiais, tanto em nosso canal do YouTube quanto em e-books, falando apenas sobre o tema.



TIPOS DE AÇÕES

De forma simples, existem dois tipos de ações: as Ordinárias (ON), que possuem o código 3 no fim do ticker, como PETR3, e as Preferenciais (PN), que possuem o código 4, como PETR4. As ordinárias dão direito ao voto em assembleias e as preferenciais oferecem privilégios no recebimento de dividendos.

AÇÕES ORDINÁRIAS (ON)

Com dito acima, as ações ordinárias (ON) oferecem direito a voto nas assembleias da empresa, ainda que isto não signifique que haverá poder de veto. Se sua ideia é ser um sócio ativo da companhia, quanto mais ações ON você tiver, maior poderá ser sua influência. Porém, na prática, elas não oferecem grande vantagem aos pequenos investidores.

AÇÕES PREFERENCIAIS (PN)

Já as preferenciais (PN) são aquelas que oferecem preferência na distribuição dos resultados. No Brasil, as empresas de capital aberto são obrigadas a distribuir ao menos 25% dos lucros aos acionistas. Este tipo de ação também dá preferência no reembolso do capital no caso de a empresa ser vendida.

UNITS

As empresas ainda podem emitir as chamadas *units*, que são uma espécie de “pacote” de classes de ativos. Elas são negociadas no mercado como apenas uma unidade e sinalizadas com o número 11 no fim do ticker.

As *units* podem ser compostas por ações ordinárias, preferenciais e BDRs. Alguns exemplos de *units* conhecidas são as ações do Santander (SANB11) e do Banco Inter (BIDI11).



Observe, no quadro abaixo, um comparativo entre as ações ordinárias (ON) e preferenciais (PN):

AÇÕES ORDINÁRIAS (ON)	AÇÕES PREFERENCIAIS (PN)
<p>Dão direito a voto nas assembleias - dependendo do número de ações adquiridas pelo acionista.</p>	<p>Dão preferência para a distribuição dos lucros da empresa, que podem vir na forma de dividendos e Juros sobre Capital Próprio (JCP).</p>
<p>As ações ON têm um tipo de mecanismo, chamado de <i>tag along</i>, que protege os investidores minoritários que possuem este tipo de ação caso aconteça alguma mudança no controle da empresa, fazendo com que o novo detentor do controle da companhia seja obrigado a assegurar aos acionistas ON o preço mínimo de 80% do valor pago por ação, ou lote de ações, no caso de venda da empresa.</p>	<p>Os detentores de ações preferenciais não entram nas regras do <i>tag along</i>, a não ser em casos em que a empresa decida estender esse benefício aos demais acionistas. Ademais, segundo a Lei Federal nº 6404/76, as empresas são obrigadas a distribuir pelo menos 25% do lucro líquido da empresa aos acionistas PN por meio de dividendos. Por esta razão, muitos investidores se interessam pelas ações preferenciais.</p>



TIPOS DE EMPRESAS



As empresas listadas na Bolsa podem ser classificadas basicamente de acordo com os níveis de valor de mercado, volume de negociação e liquidez. Vamos às classificações:

BLUE CHIPS

Algumas ações são classificadas pelo mercado como *blue chips*. Isto significa que elas são ações ligadas a grandes empresas, que possuem negócios consolidados no mercado. Por isso, são reconhecidas como ações de alto nível e alta liquidez, razões pelas quais são muito procuradas no mercado.

Empresas com ações *blue chips* se destacam, entre outras razões, por apresentarem uma boa geração de lucros, uma relação positiva com seus acionistas, além de um valor de mercado expressivo e bons resultados de crescimento.

Algumas das principais características das *blue chips* são:

- Alto valor de mercado.
- Alto volume de negociação.
- Alta liquidez.
- Grande distribuição de lucros.

Entretanto, é fundamental deixar claro que não se trata de uma classificação oficial, tendo em vista que a Bolsa de Valores não utiliza o termo *blue chip* para classificar suas ações. Esta expressão é utilizada de forma especulativa pelo mercado e por especialistas da área.

No rol das ações mais negociadas e que se destacam no mercado, podemos citar algumas *blue chips* mais conhecidas:

- Vale (VALE3).
- Petrobras (PETR4).
- Itaú (ITUB4).
- Bradesco (BBDC4).
- Ambev (ABEV3).

SMALL CAPS

Small cap significa *small capitalization*, ou seja, refere-se a empresas de baixa capitalização e que possuem baixa liquidez.

Não existe uma definição exata sobre o valor de mercado que define uma ação como uma *small cap*. Para facilitarmos as coisas e darmos uma definição exata do que será considerado com uma *small caps* aqui, utilizaremos a definição utilizada pela Bovespa para o índice Small Caps (SMLL).

Segundo definição da própria B3, o SMLL é o resultado de uma carteira teórica de ativos elaborada de acordo com alguns critérios estabelecidos.

Dentre os critérios escolhidos para que a ação possa compor o Índice, temos:

- Estar entre os ativos que, em ordem decrescente, estejam classificados fora da lista dos que representam 85% do valor de mercado de todas as empresas listadas na Bovespa.
- Ter uma quantidade de negócios mínimas que atendam aos padrões estabelecidos no manual da Bovespa.
- Ter presença (negociações) em 95% dos últimos pregões.
- Não ser uma *penny stock*, ou seja, não ser um ativo cuja cotação seja menor que R\$ 1.

As ações *small caps* têm pequeno valor de mercado e normalmente são pouco negociadas. Estes dois fatores somados fazem com que o mercado precifique de maneira pouco precisa o valor que cada companhia possui.

Ao investir em *small caps*, busca-se alto retorno em ações de empresas com menor valor de mercado e liquidez reduzida.

Isso devido à grande capacidade que essas empresas têm de crescer. Afinal, é mais fácil uma empresa que tem valor de mercado de R\$ 1 bilhão dobrar de tamanho e valer R\$ 2 bilhões do que uma empresa que vale R\$ 1 trilhão dobrar e valer R\$ 2 trilhões, por exemplo.

Alguns exemplos de empresas *small caps*:

- PetroRio (PRIO3).
- Santos Brasil (STBP3).
- Lojas Marisa (AMAR3).
- Banco Inter (BIDI4).

O conceito *Small Caps* têm sua origem na metodologia do *Value Investing*.

PENNY STOCKS

As *penny stocks* (“tostões”, em tradução livre) são ações ou *units* cotadas na casa dos centavos. Geralmente são ações de empresas que estão passando por dificuldades financeiras ou que estão no meio de um processo de recuperação judicial.

Costumam atrair investidores de alto risco que buscam rentabilidade com especulações de mercado.

VALUE STOCKS

As chamadas *value stocks*, ou “ações de valor”, são ações cujos múltiplos são baixos quando comparamos o preço de mercado com o lucro por ação ou com o Valor Patrimonial por Ação (VPA). Ou seja, são ações que podem representar uma boa oportunidade de investimento, pois o mercado estaria subavaliando a empresa em relação aos resultados apresentados. Para corrigir essa distorção, as ações precisariam valorizar-se no médio prazo.

GROWTH STOCKS

Growth stocks são empresas sempre focadas em manter as receitas e os lucros a uma taxa superior à média do setor ou do mercado em geral.

Sendo assim, quanto maior o potencial de geração de receitas, maiores são as chances de crescimento rápido e valorização das ações. Essas empresas não costumam pagar dividendos, ou pagam um percentual menor, pois o foco delas é reinvestir os lucros para uma rápida expansão das operações.

As *Growth Stocks* têm sua origem na metodologia do *Growth Investing*.



FILOSOFIAS DE INVESTIMENTOS

Neste capítulo, falaremos brevemente sobre duas filosofias de investimentos: o *Value Investing*, que é uma estratégia focada no valor, e o *Growth Investing*, uma estratégia focada no crescimento. Warren Buffett chegou a declarar que ambas as filosofias andam lado a lado. Vamos às definições.

VALUE INVESTING

O *Value Investing* (ou “Investimento em Valor”, em tradução literal) é uma estratégia de investimento que consiste em comprar ações de excelentes empresas que estão mal avaliadas em função de fatores ligados ao mercado de ações.

Ou seja, pela filosofia do *Value Investing*, compra-se ações de empresas hoje com desconto porque acredita-se que as ações estão baratas atualmente e vão se valorizar, chegando posteriormente a preço justo. Assim, espera-se, com esse movimento, lucrar com a valorização dos papéis.

Por meio desta estratégia, o investidor aposta na compra de ações depreciadas, visto que ele considera o valor potencial de uma empresa, e não o valor apresentado pelo mercado. É uma estratégia muito utilizada por grandes investidores.

Resumindo, é uma estratégia que deve ser considerada por quem deseja investimentos de longo prazo.

GROWTH INVESTING

Growth Investing é uma estratégia de investimentos que foca a valorização do capital, ou seja, a obtenção de retornos com o aumento do preço da ação. Aqueles que seguem esta estratégia investem em empresas chamadas *Growth Stocks*, ou “Ações de Crescimento” – falamos sobre elas anteriormente. Elas são empresas que, por conta da



gestão e do planejamento, devem crescer suas receitas e seus lucros em uma taxa muito maior que seus concorrentes e que a própria indústria como um todo.

O objetivo da empresa é tornar-se relevante em seu segmento de atuação e tomar um lugar de destaque no mercado.

Este investimento muitas vezes é feito mesmo que o preço das ações pareça caro sob a ótica de métricas mais populares, como a relação entre Preço/Lucro ou Preço/Livro. Ou seja, por meio desta filosofia de investimentos, compra-se ações de empresas hoje mesmo que o *Valuation* pareça elevado no momento, pois acredita-se que essas ações vão se valorizar tanto no futuro que o que é caro hoje será considerado barato futuramente.

Aqui, entra a famosa frase de Warren Buffett: “É muito melhor comprar uma empresa maravilhosa a um preço justo do que uma empresa justa a um preço maravilhoso.” Esta frase está no cerne do *Growth Investing*, dado que, pelo fato de a empresa que se enquadra nesta classificação crescer muito, ainda que seu múltiplo atual seja elevado e ela não pareça barata à primeira vista, seu lucro irá crescer tanto que, mesmo que ela seja negociada a um múltiplo mais baixo no futuro, o investidor ainda obterá retornos altíssimos.

Ambas as estratégias, quando bem aplicadas, têm potencial de gerar retornos excepcionais no longo prazo. Fatores como tolerância a riscos, metas de investimento e horizonte de tempo influenciam a decisão do investidor.



MODALIDADES DE NEGOCIAÇÕES NA BOLSA



Antes de iniciar no mercado financeiro, é muito importante se familiarizar com as diversas modalidades de negociações que são executadas na Bolsa de Valores. Cada modalidade possui diferentes características e objetivos.

Então, antes de iniciar suas operações, é necessário entender cada modalidade de negociação e identificar qual delas melhor se encaixa no seu perfil, na sua disponibilidade e, principalmente, na sua tolerância ao risco.

Você perceberá que a diferença básica entre cada modalidade consiste no objetivo e na duração das operações – além, é claro, da diferença do risco envolvido em cada uma delas.

Agora, vamos às principais modalidades de negociação da Bolsa.

DAY TRADE

São operações que podem durar minutos ou horas, mas são abertas e encerradas no mesmo dia. O objetivo deste tipo de operação é obter ganhos extremamente rápidos. Quem opera esta modalidade não é considerado investidor, mas sim um especulador, visto que seu objetivo com as operações é apenas o lucro, independente do ativo que ele negocia.

Também demandam grande disponibilidade de tempo e concentração, pois é preciso acompanhar o mercado e aguardar os momentos certos para executar as aberturas e os encerramentos de operações. Esta modalidade possibilita ganhos rápidos e elevados, como também pode gerar enormes prejuízos em segundos.

É importantíssimo frisar que o *day trade* é uma das modalidades de maior risco – justamente por ser um tipo de negociação de curtíssimo prazo.



Como, em geral, faz diversas operações por dia, o *day trader* tem altos custos com corretagens e outras taxas. Há ainda a incidência do Imposto de Renda (IR), que, para este tipo de operação, é maior. O *day trader* paga 20% de Imposto de Renda sobre os lucros de cada operação – além, mais ainda, de precisar lidar com o risco diário de não conseguir comprar ou vender seus ativos.

SWING TRADE

Operações de curto prazo em que o especulador fica posicionado de um pregão para o outro, no mínimo, e o objetivo são ganhos rápidos, com o encerramento da operação quando o objetivo é alcançado.

Exemplo: compro ações de PETR4 (Petrobras) hoje, a R\$ 25 por ação, e as vendo daqui a 2 dias ou na semana que vem, a R\$ 30 por ação, com um lucro de R\$ 5 por ação. Esse é um exemplo de operação de *swing trade*.

É uma modalidade que possibilita variações maiores, sendo possível obter altos retornos em momentos de alta volatilidade, quando o mercado está mais aquecido, como também é possível obter altos prejuízos com essa mesma volatilidade.

Operações de *swing trade* demoram alguns dias ou algumas semanas, no máximo 1 mês, para serem realizadas. Se a operação dura mais do que isso, ela passa a ser considerada uma operação de *position trade*. Aqui, o Imposto de Renda é de 15% sobre os lucros obtidos em cada operação, além dos custos de corretagem e taxas.

POSITION TRADE

Operações que podem durar meses ou até anos, podendo ser consideradas como operações que, além de serem de longo prazo, visam lucro. Os investidores costumam confundir *position* com *buy and hold* (comprar e segurar), pois



ambas são operações de longo prazo. Porém, o que diferencia o especulador que opera *position trade* do investidor que segue o *buy and hold* é que o especulador busca exclusivamente os lucros (por isso, ele é considerado especulador, e não investidor). O investidor, por sua vez, busca tornar-se, de fato, sócio de boas empresas, focando o valor e os fundamentos das companhias em que investe.

Assim, mais exaustivamente, a diferença entre as duas modalidades é que, no *position trade*, o objetivo é apenas os lucros a longo prazo, ou seja, se o lucro determinado é atingido, a operação é encerrada.

A vantagem desta modalidade em relação às citadas anteriormente é a redução de custos de operação. Como realizam menos operações que as demais, os *position traders* “economizam” em taxas. Por essa característica, eles são considerados “especuladores de baixo custo”.

Nessa modalidade, a liquidez não é o fator mais importante. Ademais, ela exige paciência, disciplina e controle emocional. Pode haver mais consistência de resultados; e o especulador, por sua vez, deve conhecer as análises técnica e fundamentalista.

BUY AND HOLD

É uma forma de investimento de longo prazo. Em média, a duração das aplicações pode ultrapassar décadas. Quem atua segundo o *buy and hold* visa, principalmente, a construção de uma carteira de ações composta por ótimas empresas; e, para a escolha de tais empresas, utiliza os conceitos da análise fundamentalista.

O *Holder*, como é conhecido aquele(a) que segue esta modalidade de operação, é um investidor – ao contrário dos que seguiram as modalidades anteriores, considerados apenas especuladores – e não compra ações baseado no preço, mas sim no valor da empresa. Isso se deve, pois seu objetivo principal é se tornar sócio de boas empresas e ganhar com a valorização delas, e não apenas com a valorização do preço das ações, construindo assim uma carteira de investimentos sólida e baseada em fundamentos.

Este tipo de investidor compra ações para segurá-las por tempo indeterminado, como o próprio nome diz (*buy and hold* significa “comprar e segurar”), enquanto a empresa for uma boa opção de investimento.

Como já dito anteriormente, é um investidor, acima de tudo. Já o *position trader*, por mais longa que seja a sua operação, continua atuando como um especulador, assim como o *day trader* e o *swing trader*, visto que seus objetivos são exclusivamente os lucros, sem a intenção de manter os ativos em carteira por um longo período.



O QUE LEVAR EM CONTA AO ESCOLHER AÇÕES?

Uma das estratégias mais utilizadas para a escolha de boas empresas é a Análise Fundamentalista, que busca, basicamente, avaliar os resultados financeiros, a governança corporativa e a gestão de uma empresa, identificando se ela está super ou subavaliada pelo mercado, ou seja, se está “cara” ou “barata”.

A análise fundamentalista é uma estratégia que tem como foco a construção de valor no longo prazo. É usada, inclusive, pelo maior investidor de todos os tempos: Warren Buffett.

Sua metodologia pode ser dividida em alguns pontos principais. São eles:

ANÁLISE MACROECONÔMICA

Aqui são traçadas as projeções e perspectivas futuras mais prováveis para o mercado em que a empresa que está sendo avaliada está inserida.

ANÁLISE QUALITATIVA

Aqui é feita uma avaliação das decisões tomadas pelos gestores da empresa, do desempenho do setor e de todos os demais aspectos que não podem ser expressos em números.

ANÁLISE QUANTITATIVA

Na análise quantitativa, são analisados os resultados financeiros da empresa, tais como: endividamento, margens operacionais e sua rentabilidade, dentre outros indicadores.

VALUATION

Valuation é o processo em que é estimado o valor real de uma empresa, ou seu valor intrínseco, de forma sistematizada. Para isto, utiliza-se um modelo quantitativo.

Por meio desta análise, é realizada uma projeção do valor das ações da empresa para o futuro e o retorno provável do investimento. A saúde da empresa é avaliada, bem como a relação entre seu preço e seu valor de negociação, com a finalidade de encontrar o seu preço justo.

Existem métodos diversos para avaliar uma empresa. Dentro os mais utilizados pelos analistas, temos:

- Fluxo de Caixa Descontado (FDC).
- Múltiplos de Mercado.
- *Valuation* Contábil.
- Entre outros.

ALGUNS DOS PRINCIPAIS INDICADORES FUNDAMENTALISTAS:

P/L: PREÇO/LUCRO

Este indicador relaciona o preço de mercado de uma ação com seus lucros.

Por meio dele, conseguimos saber se uma determinada ação está mais cara ou mais barata. É um indicador simples que pode ser facilmente utilizado como critério comparativo entre duas empresas atuantes em um mesmo setor.

DIVIDEND YIELD

O principal objetivo deste indicador é mostrar o quanto a empresa paga ao seu investidor. Quanto maior for o *Dividend Yield*, maior será o pagamento de dividendos por parte da empresa.

Ele é calculado por meio da seguinte fórmula:



$$\text{Dividend Yield} = \frac{\text{Dividendo pago por ação}}{\text{Preço da ação}}$$

Este indicador é usado, principalmente, por investidores que desejam montar uma carteira focada no recebimento de dividendos.

P/VPA: PREÇO/VALOR PATRIMONIAL POR AÇÃO

Em tese, o indicador P/VPA compara o valor de mercado da empresa (que corresponde ao valor da ação vezes o número de ações) com o seu valor contábil (ativos menos passivos). Ou seja, relaciona o preço de uma ação ao valor patrimonial proporcional que ela possui. Basicamente, quanto mais baixo o P/VPA, mais barata está a empresa.

EV/EBITDA:

Ebitda, sigla em inglês para *Earnings Before Taxes Interest Depreciation and Amortization*, significa, em português, “Lucros antes dos juros, impostos, depreciação e amortização”. Este indicador é uma medida simplificada da geração de caixa de uma empresa.

EV vem do inglês *Enterprise Value*, compreendendo o valor de mercado da empresa vezes seu número total de ações, que é somado com a dívida líquida.

Nesse sentido, o EV / EBITDA dá aos analistas a ideia de quanto tempo demoraria para o lucro operacional da companhia pagar o investimento realizado na compra.

ROE (Return On Equity)

ROE, em português, significa: “Retorno sobre Patrimônio Líquido”. Este indicador aponta qual o retorno



que os sócios de uma companhia estão obtendo em relação ao dinheiro que eles investiram nela. Ou seja, mede a capacidade que a empresa tem de gerar retorno para o capital próprio investido.



RISCOS DOS
INVESTIMENTO EM
AÇÕES E COMO
MINIMIZÁ-LOS

Primeiramente, é preciso deixar claro que não existe investimento sem risco, mesmo no caso da renda fixa. Algumas aplicações podem apresentar riscos menores, proporcionais à rentabilidade que oferecem, mas ainda assim esses riscos estão presentes. Por isso, não é possível se livrar deles absolutamente, mas é possível, de outro modo, tomar as precauções necessárias para evitar prejuízos.

Os riscos são classificados em dois grandes grupos, os riscos sistêmicos e os não sistêmicos.

RISCO SISTÊMICO

O risco sistêmico afeta a economia como um todo. Normalmente, este tipo de risco é quase impossível de ser previsto.

Podemos citar, como exemplo, a crise do subprime, que derrubou o mercado global em 2007, e, atualmente, a pandemia do coronavírus, que se iniciou na China, alastrou-se pelo mundo todo e afetou as economias globais de forma generalizada. Algo impossível de se prever.

Podemos dizer que o risco sistêmico ou sistemático é resultante de uma instabilidade de grandes proporções no sistema financeiro que afeta grandes *players* do mercado e acarreta uma reação em cadeia nos intermediários financeiros, podendo causar um colapso em toda a estrutura da economia.

Este tipo de risco é extremamente difícil de ser reduzido, pois, além de afetar a economia de uma forma geral, também é muito difícil de ser previsto.

RISCO NÃO-SISTÊMICO

O risco não-sistêmico se refere a uma empresa ou setor específico. Ou seja, diferente do risco sistêmico, este tipo de risco pode ser minimizado, uma vez



que afeta apenas determinado setor.

Risco não-sistêmico é o tipo de risco que você reduz quando diversifica sua carteira. Caso você tenha, por exemplo, apenas empresas do setor bancário em sua carteira, seu risco será muito maior do que se você tivesse seu dinheiro investido em empresas de setores diversos.

Um investidor que possui apenas investimentos no ramo da construção civil sofrerá as consequências de uma greve de trabalhadores desta área, por exemplo. Neste ponto, aplica-se a famosa frase: “Não coloque todos os ovos na mesma cesta.”

Existe uma infinidade de riscos não sistêmicos. Citaremos aqui os principais:

RISCO DE MERCADO

O risco de mercado está relacionado à volatilidade ou às oscilações que um ativo pode ter no decorrer do tempo. Basicamente, quanto maior for a variação, maior será o risco.

Como alguns dos principais riscos de mercado, podemos citar: oscilações cambiais, variação de preço de *commodities*, taxa de desemprego e taxa de juros, mudanças na legislação tributária e eleições internas ou em países de economia forte.

Este tipo de risco também pode ser minimizado por meio da diversificação de sua carteira, investindo em diferentes produtos de renda fixa e de renda variável.

RISCO DE LIQUIDEZ

Alguns investimentos podem ser convertidos em dinheiro rapidamente, enquanto outros não – este é o risco de liquidez. Ele representa a facilidade ou a dificuldade de resgatar o dinheiro investido – sem que ele perca seu valor.

O risco de liquidez é o risco de não conseguir vender suas ações pelo preço desejado em um determinado momento, ou seja, a dificuldade de encontrar rapidamente compradores para as ações que você queira vender.

É possível minimizar o risco de liquidez investindo em ações de empresas já

consolidadas no mercado e que apresentem alto volume de negociações, como por exemplo, as *blue chips*. Ações de empresas sólidas tendem a ter bastante demanda na Bolsa, logo, boa liquidez.

RISCO DA EMPRESA

Risco da empresa é o risco de a companhia falir ou se desvalorizar e você, como sócio, perder o dinheiro investido no negócio. É um risco específico, que afeta a empresa individualmente. É, de longe, o maior risco do investimento em ações.

Por isso, antes de investir, é de extrema importância analisar com cuidado a empresa e sua solidez. Felizmente, é um risco que não se concretiza com frequência. Empresas de capital aberto virem à falência não é um evento comum. Por se tratar de um risco específico, ele também deve ser gerenciado por meio da diversificação da carteira.

Vale destacar, aqui, que o mercado de ações é muito seguro se o investidor estiver ciente dos riscos e souber gerenciá-los. Afinal, pessoas comuns acumulam grandes patrimônios por meio do investimento em ações. Aqui, aplica-se bem a frase de Warren Buffett: “O risco vem de não você saber o que está fazendo.”



PERFIL DE INVESTITOR



Por que é tão importante saber seu perfil de investidor? Pois, sabendo seu perfil de investidor, é possível saber quais são os investimentos mais adequados a você de acordo com a sua tolerância ao risco.

Ao abrir conta em uma instituição financeira, você provavelmente precisará responder algumas perguntas, tais como:

- O que é mais importante para você na hora de investir: segurança e tranquilidade ou rentabilidade e diversificação?
- Qual sua experiência com investimentos?
- Quando você pretende utilizar os recursos aplicados?
- Por quanto tempo você pretende deixar seus recursos aplicados?
- Entre outras.

A instituição financeira só deve recomendar investimentos que tenham perfil igual ou mais conservador do que o perfil do cliente. Caso ele queira investir em um tipo de aplicação que não faça parte do seu perfil, a instituição deve alertá-lo.

Existem basicamente 3 perfis de investidor: conservador, moderado e agressivo. Conheça as características de cada perfil:

CONSERVADOR

O investidor de perfil conservador prioriza a segurança do seu patrimônio. Por isso, ele geralmente não assume riscos que possam comprometer os seus recursos, ainda que, por conta disso, precise ter rentabilidade abaixo da média. É o perfil que possui menor exposição ao risco e menos tolera perdas e falta de liquidez.

Alguns investimentos conservadores são: Tesouro Direto, CDB, LCI, LCA, LC, Fundos de Renda Fixa etc.

MODERADO

É o tipo de investidor que busca equilibrar a relação rentabilidade versus risco. Ele assume riscos um pouco maiores com o objetivo de ter rentabilidade superior à média do mercado, mas também dá muita importância à segurança, tolerando riscos até certo ponto – e sem renunciar à preservação de seu patrimônio. A maior parte da carteira de um investidor de perfil moderado está na renda fixa. Uma parte

menor é destinada à renda variável; assim, os ativos de risco não ocupam grande parte da sua carteira de investimentos.

Investimentos que se encaixam neste perfil: Tesouro Direto, Fundos de Renda Fixa, Debêntures, Fundos Multimercados, CRI, CRA, entre outros.

AGRESSIVO

O investidor de perfil agressivo busca as maiores rentabilidades possíveis. Para isto, assume riscos mais altos – e, portanto, fica exposto ao risco de prejuízos. Geralmente são investidores que já conhecem o mercado e têm condições emocionais e financeiras de suportarem as oscilações. São investidores que, na maior parte dos casos, além de compreenderem o mercado financeiro, têm como objetivo multiplicar o patrimônio no longo prazo.

Os investimentos que se encaixam no perfil agressivo incluem todos os investimentos dos perfis conservador e moderado, podendo incluir, também, operações no mercado a termo e derivativos.

Importante destacar que, apenas pelo fato de um investidor ser agressivo, isto não significa que todo o patrimônio dele será investido em ativos de risco.



COMO INVESTIR
EM AÇÕES

Existem três principais formas de investir em ações: de forma direta, administrando sua própria carteira; por meio da compra de ETFs; e por meio de Fundos de Investimento.

A seguir, falamos sobre as características e os principais pontos positivos e negativos de cada uma dessas formas.

COMPRA E VENDA DE AÇÕES DE FORMA DIRETA

A primeira opção para investir na Bolsa de Valores é comprando e vendendo ações diretamente. Nesta opção, o investidor monta e administra a sua própria carteira, ou seja, escolhe em quais empresas investir, acompanha a rentabilidade da carteira, reinveste os dividendos, faz novos aportes e opta, caso queira, por trocar alguns ativos da carteira.

Do ponto de vista de impostos, esta opção de investimento direto é bem vantajosa. Diferentemente do que acontece com os Fundos de Investimento em Ações (FIAs), que estão sujeitos à cobrança de 15% de IR (Imposto de Renda), quem investe na Bolsa diretamente só paga o Imposto caso venda mais de R\$ 20.000,00 dentro de um mesmo mês. Se as vendas forem inferiores a este valor, o lucro obtido é totalmente isento de Imposto de Renda.

Ainda comparando esta opção com os Fundos de Investimento, quem investe de forma direta também está isento das taxas de administração e performance que os FIAs cobram. Isto faz com que seus lucros sejam maiores no fim das contas, visto que todas esses impostos e taxas somados ao longo do tempo fazem muita diferença. Ademais, o prazo para resgatar o dinheiro investido é de 3 dias úteis, prazo bem mais rápido quando comparado ao prazo de resgate dos Fundos de Investimento.

Entretanto, investir diretamente em ações requer maior esforço por parte do investidor, posto que ele será o responsável pelas suas decisões de investimento. Portanto, é preciso que ele dedique tempo aprendendo e acompanhando o mercado.

COMO INVESTIR DIRETAMENTE EM AÇÕES

Para investir, é necessário ter conta em uma corretora. Se você ainda não tem



uma, abra sua conta. Existem diversas corretoras excelentes e muito seguras. Além disso, o processo é totalmente online e gratuito.

Feito isso, é necessário efetuar uma transferência de valores da conta do seu banco para a conta da sua corretora escolhida.

Esses são os passos simples. O próximo passo envolve maior complexidade e trabalho, visto que você deverá escolher quais ações farão parte da sua carteira de investimentos. Entretanto, não se preocupe, para isto, conte com as análises e ideias de investimento da Levante.

Ativos escolhidos, acesse o *home broker* de sua corretora, digite o código do ativo em que você deseja investir, escolha a quantidade de lotes de ações que deseja comprar e envie uma ordem de compra. Pronto! Agora você se tornou sócio das empresas que escolheu.

FUNDOS DE INVESTIMENTO EM AÇÕES (FIAS)

Algumas das maiores vantagens de investir por meio de Fundos de Investimento é a gestão especializada e a praticidade. Contudo, este tipo de investimento acarreta custos maiores.

O investimento em Fundos também se dá por meio de uma corretora de valores. O investidor transfere determinado capital para o Fundo de Investimento, que é um condomínio de recursos, e o gestor deste Fundo, que é o responsável pelas decisões de compra ou venda das ações, pela adoção de estratégias para aumentar a rentabilidade do Fundo, faz a gestão do seu patrimônio investido por você – como também de todo o patrimônio do Fundo. Os resultados desses investimentos são divididos proporcionalmente a cada um dos investidores – de acordo com a participação no Fundo.

Por meio de FIAs, é possível diversificar seus investimentos – e isto mesmo com pouco dinheiro.

Por esses serviços, os Fundos cobram a taxa de administração, que é uma porcentagem do seu capital pago pelos serviços de gestão e administração do Fundo, e cobram também a taxa de performance, que é cobrada sempre que o Fundo rende mais do que determinado índice de referência (*benchmark*).

Além disso, há o Imposto de Renda, que não tem isenção sobre os ganhos no caso dos investidores que optam por investir em ações por meio de FIAs.

Ademais, cada Fundo tem um valor mínimo exigido para que um investidor se torne cotista. É preciso, também, respeitar os prazos de carência para resgatar seu dinheiro.

ETFs (*Exchange Traded Funds*)

ETF é um Fundo de Índice que replica o desempenho de diversas ações em um único ativo. Permitem acessar mercados amplos, sem a necessidade (e o custo) de se comprar cada ativo individualmente.

O ETF é uma forma simples e eficiente de investir em ações. Ele combina características de ações e Fundos de Investimento e se destaca pela diversificação e pelo baixo custo, pois possibilita o acesso a diversos mercados.

Por exemplo, você quiser que seus investimentos tenham o mesmo rendimento que o Ibovespa, você pode comprar o ETF chamado BOVA11, que é uma carteira de ativos que usa como índice de referência o Ibovespa.

A taxa de administração é extremamente baixa e não há cobrança de taxa de



performance, porém, são produtos passivos, que não rendem mais do que o Ibovespa, visto que apenas replicam um índice. Ademais, o controle de Imposto de Renda é mais complexo do que no caso dos FIAs tradicionais.

No Brasil, para comprar um ETF, o investidor precisa ter conta em uma corretora e comprar os ETFs na B3, via *home broker*. O processo é exatamente igual ao da compra e venda de ações. O prazo para resgate é, também, igual ao das ações: 3 dias úteis após o dia da negociação.

QUAL A MELHOR FORMA DE INVESTIR NA BOLSA DE VALORES?

Uma das maiores vantagens do mercado é que existem opções para todos os investidores. Não existe melhor forma de investir, o que existe é a melhor forma de investimento para o seu perfil e capital.

Há meios de investir em ações para todos os perfis de investidores. Apenas tenha em mente que ter parte do capital investido em renda variável é essencial para todo investidor que busca de fato rentabilizar seus investimentos.



NÃO COMETA
ESTES ERROS

Explicados os conceitos, aproveitamos para deixar algumas dicas importantes para que vocês não cometa erros comuns. Aqui, será importante que você leia com calma e fique atento. Assim, conseguirá começar a investir de forma certa e objetiva.

Não existe dinheiro fácil da noite para o dia. Você terá de se informar para entender o mercado e investir com consistência e lucratividade. Lembre-se sempre deste ditado: “Dinheiro não nasce em árvore.” E nem na Bolsa!

Tenha sempre uma reserva de emergência para se proteger de eventos imprevisíveis. Renunciar a isto pode representar um erro fatal para seus investimentos.

Não será nos grandes jornais e na TV que você encontrará as melhores informações para seus investimentos. Para isto, a Levante pode ser a sua melhor fonte de informação financeira.

Lucros passados não são garantia de lucros futuros. Não espere que o que aconteceu no passado com certeza se repetirá, pois isso pode ser uma frustração.

Para investir em ações, é preciso ter estabilidade emocional e entender que oscilações são comuns. Neste caso, ficar nervoso só o fará perder dinheiro. Tenha sempre um planejamento financeiro e conheça bem os riscos que corre. Assim, você sempre vai mirar seus objetivos – e não se frustrará.



CONSIDERAÇÕES
FINAIS

Este e-book foi criado pela nossa equipe para apresentar conceitos e explicar de forma simples como funciona a Bolsa de Valores e as ações. Assim, ficará mais fácil para você começar a investir com inteligência e eficiência.

Neste texto, você conseguiu aprender que a Bolsa é o lugar onde as empresas vendem, para captarem recursos, parte de seus capitais na forma de ações. Você, ao comprar uma (ou mais) ação, torna-se sócio e pode até mesmo ganhar parte dos lucros de forma periódica.

Agora, incentivamos você a abrir uma conta em uma corretora para começar a investir. Com o home broker disponível, você poderá fazer suas compras e vendas online, de forma rápida, fácil e segura. Mas não se esqueça de avaliar sempre os custos de corretagem e custódia, assim como os riscos na hora de começar a investir.

Com isso em mente, procure sempre buscar conhecimento para aumentar sua rentabilidade e fazer seu dinheiro crescer. Investir na Bolsa de Valores é muito fácil e é para todos. Para isso, conte com a Levante e nossas ideias de investimento.

Um abraço,

Equipe Levante.

DISCLAIMER

Este relatório foi elaborado pela Levante Ideias de Investimento e o uso é exclusivo de seu assinante, estando protegido pela Lei de Direitos Autorais. Este conteúdo não pode ser reproduzido, copiado ou distribuído, no todo ou em parte, a terceiros, sem prévia e expressa autorização.

Este documento tem como objetivo somente informar os leitores e não tem a finalidade de assegurar, prometer ou sugerir a existência de garantia de resultados futuros ou isenção de risco para os leitores. O documento não tem o cunho de ofertar, negociar, comercializar ou distribuir títulos ou valores mobiliários ou qualquer outro instrumento financeiro.

As decisões de investimentos devem ser realizadas pelo próprio leitor.

O analista responsável poderá esclarecer dúvidas de seus leitores através de vídeos ou relatórios que serão enviados simultaneamente aos assinantes, mantendo e garantindo a isonomia de informações.

As informações deste relatório foram baseadas em fontes públicas e consideradas fidedignas na data de publicação, e estão sujeitas à mudanças, não implicando necessariamente na obrigação de qualquer comunicação com respeito a tal mudança.

Nos termos do artigo 17 da ICVM 598/2018, os analistas responsáveis pela elaboração deste relatório declaram que as recomendações contidas neste relatório refletem única e exclusivamente as suas opiniões pessoais e foram elaboradas de forma independente e autônoma.

Conforme o artigo 16, parágrafo único da ICVM 598/2018, o analista Eduardo Guimarães declara-se inteiramente responsável pelas informações e afirmações contidas neste relatório de análise.

Os valores mobiliários não contam com garantia do Fundo Garantidor de Crédito – FGC.

A reprodução, cópia ou distribuição deste conteúdo, no todo ou em parte, implicará ao infrator sanções cíveis e criminais, incluindo a obrigação de reparação de perdas e danos causados, nos termos dos artigos 102 e seguintes da Lei 9.610/98.

LEVANTE

